

## “What a lovely morning after yesterday rains”: entre heróis e protagonistas – Revisitando o Cerco de Mafeking na Guerra Anglo-Bôer

Raquel Gryszczenko Alves Gomes\*

1.

Vere Stent era correspondente da *Reuters* em território sul-africano no período da Guerra Anglo-Bôer, entre 1899 e 1902. Ele recorda que certa manhã um nativo muito bem vestido mantinha-se à sua frente, esperando por atenção.

*“Muito bem? – eu disse  
‘Ouvi dizer que você precisa de um datilógrafo, senhor.’ – ele disse  
‘Bem, eu preciso sim. O seu senhor é um?’  
‘Eu não tenho senhor,’ respondeu Plaatje, com um sorriso frouxo, ‘mas eu sei taquigrafia e sei usar a máquina de escrever.’ Ele falava um inglês perfeito e contratei-o por um salário ridículo que ele mesmo estipulou e pareceu feliz em receber. (...) Reconheci, em meu novo secretário, um assistente extremamente capacitado. Para começar, ele sabia soletrar – algo que eu mesmo não consigo e nunca consegui. Ele era rápido à máquina... dono de um raciocínio rápido, ‘pegava’ facilmente novas expressões, perguntando significados e sua derivação, adicionando-as a seu vocabulário. Como um liaison officer... ele era inestimável.”<sup>1</sup>*

O nativo que naquela manhã conheceu Vere Stent era Solomon Tshesho Plaatje – Sol Plaatje –, hoje reconhecido como um dos intelectuais mais brilhantes de sua geração. Nascido em outubro de 1876 em Doornfontein, no Estado Livre de Orange, Plaatje era um Barolong do grupo Tswana.<sup>2</sup> Em 1881, muda-se com sua família para a

---

\* Doutoranda em História Social da África pela Universidade Estadual de Campinas, com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

<sup>1</sup> O trecho da carta de Vere Stent ao jornal *Star* de Johannesburg de cinco de julho de 1932 é citada na introdução de *The Boer War Diary of Sol T. Plaatje – An African at Mafeking*, p.xiii. A organização e publicação do diário é de John Comaroff. Livre tradução da pesquisadora.

<sup>2</sup> Esta origem teria forte influência em sua obra, especialmente na elaboração do romance histórico *Mhudi* (1930), no qual reconstrói o passado Barolong revisitando marcos da história sul-africana que passaram a ser mobilizados em grande medida no momento de constituição Estado nacional.

missão luterana de Pniel. O destaque dado a este evento justifica-se pelo caráter da escola missionária que Sol Plaatje passa a frequentar: dada a diversidade linguística encontrada nos mais distintos grupos humanos presentes naquela missão (*cape dutch*, inglês, setswana, sesotho, koranna...) a opção didática da escola foi a de centrar seus esforços no estudo destas várias línguas. Já se notava o talento linguístico de Plaatje - uma de suas marcas registradas anos mais tarde - e se a princípio era um estudante de destaque que recebia lições extras, ao final de alguns anos figurava entre aqueles que ensinavam a seus colegas.

Em 1894 emprega-se como carteiro, indo para Kimberley, onde no ano seguinte formaria com amigos a *South African Improvement Society*. O grupo reunia-se com frequência para a discussão de leituras e, principalmente, o estudo do inglês - idioma que ampliaria a inserção político-cultural daqueles que o dominassem. Como destaca Brian Willan, contudo, não era o simples aprendizado de palavras que estava em jogo: procurava-se também com o domínio de uma série de valores que estavam atrelados a elas - quase um culto daquilo que respeitavam como “a vida civilizada”. (WILLAN, 1894:19)

Devemos, no entanto, questionar até que ponto a idéia de buscar os valores atrelados às palavras, quando vinculada à idéia de “vida civilizada”, não esvazia a ação política africana. Plaatje deu provas - em obras como *Native Life in South Africa e Mhudi* - de que se valeu de seu conhecimento linguístico para articular um discurso de resistência em um mesmo idioma daquele que o oprimia. É provável que, além de desejar a “vida civilizada”, Plaatje buscasse também a “lógica” de uma estrutura argumentativa que fosse capaz de inseri-lo em igualdade de condições no debate político.

No entanto, há que se destacar que a aproximação aos ingleses era também uma forma de distanciamento dos bôeres<sup>3</sup> - tidos como incultos e donos de violentas

---

<sup>3</sup> O termo *afrikaner* refere-se à identidade socialmente construída ao longo da colonização do território sul-africano por alemães, franceses e holandeses. Sua utilização no século XVIII era feita em associações variadas, que iam do *burgher* da Companhia das Índias Orientais ao holandês, passando também por bôer e cristão. É no final do século XIX que o termo ganha força política, especialmente para marcar a oposição aos ingleses. Sol Plaatje utiliza o termo “bôer” - “fazendeiro” em *afrikaans*, língua essencialmente atrelada à identidade *afrikaner* -, algo comum à época. Como Herman Giliomee destaca (2000:359), em finais do século XIX e início do XX a fluidez de conceitos como bôer, *afrikaner*, *Dutch*, *Dutchman* é muito grande. Opto, portanto, por utilizar o termo “bôer” quando

políticas para com os nativos, seriam um grande desafio de Plaatje ao longo de sua vida. Este sentimento é acentuado no decorrer da Guerra Anglo-Bôer, quando empregando suas habilidades linguísticas na campanha de Mafeking, Plaatje conviveu com os Tshidi-Barolong, que somavam mais de meio século de disputas territoriais com os bôeres do Transvaal.

Ao final da Guerra, Plaatje permanece em Mafeking e, com o incentivo de Vere Stent, assume a redação do *Koranta ea Batswana* – “O Jornal dos Batswana”. Após sete anos, com o fechamento do jornal, retorna a Kimberley, onde permanece atrelado à carreira jornalística – agora como o editor do *Tsala ea Batha*, “O Amigo do Povo”.

Sol Plaatje foi um importante nome entre aqueles que se opuseram à formação da União Sul-Africana, receando a instauração do domínio *afrikaner* e a intensificação das políticas de segregação que vinham sendo ampliadas desde o fim da guerra. Seus receios mostraram-se bastante fundamentados. Já em 1911 começavam a surgir leis como o *Mines and Works Act*, que monopolizava o trabalho especializado na mineração e na construção de ferrovias para trabalhadores brancos; e também o *Native Labour Regulation Act*, que tornava crime a quebra de contrato trabalhista por parte do trabalhador negro – a mesma quebra de contrato, partindo de um branco, não constituía crime.

Em 1913 viria o *Native Land Act*, que limitava, através de vários mecanismos, o relacionamento do nativo à terra. Após a promulgação desta lei, Plaatje empreende uma jornada pelo interior, buscando conhecer os reais impactos desta nova política no cotidiano das populações nativas. O resultado de suas observações é narrado naquela que pode ser considerada como a obra fundamental do literato – *Native Life in South Africa*, publicado em 1916.

Nos anos que se seguem, Plaatje dedica-se a uma série de projetos literários que vão da tradução de Shakespeare para o setswana à elaboração do romance *Mhudi*. É também neste período que se consolida a amizade com W. E. B. Du Bois, responsável inclusive pela publicação de *Native Life in South Africa* nos Estados Unidos.

---

ele aparecer nos textos de Plaatje, e manter meu uso pessoal do termo até o final da guerra, em 1902, usando, para as discussões inseridas no século XX, o termo *afrikaner*.

Plaatje falece em 1932: em Kimberley, centenas de pessoas reuniram-se para acompanhar seu funeral. Sinal de que suas palavras traduziram mais realidades do que ele possa ter imaginado em vida.

2.

Em finais do século XIX, o território sul-africano assistiu ao ápice da tensão secular entre ingleses e bôeres na eclosão da Guerra Anglo-Bôer. Do conflito que se estendeu entre os anos de 1899 e 1902, duzentos e dezessete dias mobilizaram seus protagonistas num microcosmo particular da guerra – a batalha de Mafeking.<sup>4</sup> Localizada na fronteira ocidental da Colônia do Cabo, a pequena cidade figurava como importante entroncamento ferroviário, tornando-se ponto vital de disputa entre as tropas coloniais britânicas e a República do Transvaal. Na ocasião do confronto iniciado em outubro de 1899, calcula-se que a população de Mafeking chegasse aos sete mil habitantes: cinco mil Barolongs; um pequeno grupo de comerciantes indianos e cerca de mil e quinhentos colonos britânicos (DAVENPORT, 1991:74).

Fora dos conflitos armados, Mafeking ocupa posição estratégica também na historiografia sul-africana. Como um dos “épicos da Guerra Anglo-Bôer”, nas palavras de John Comaroff, (1976:xi) a batalha que durou de outubro de 1899 a maio de 1900 manteve ao longo dos anos um forte apelo ao biográfico e à experiência pessoal – com especial ênfase na figura do “herói de guerra”. Ao menos no que diz respeito à sociedade vitoriana de finais do XIX, a imagem das tropas coloniais tornava-se um importante símbolo nacional e a figura do soldado ganhava cada vez mais espaço, proliferando-se na imprensa e em periódicos diversos.<sup>5</sup>

Nos anos que se seguiram ao final do conflito de 1899-1902, muitas foram as publicações que surgiram para aproximar o leitor do cotidiano da guerra e de suas principais personagens. Diários mantidos pelos grandes heróis em combate, bem como suas biografias, passavam a despertar o interesse dos leitores tanto quanto aventuras ficcionais. A campanha de Mafeking foi uma das protagonistas da chamada “produção

---

<sup>4</sup> Também referenciada na literatura como “cerco de Mafeking”

<sup>5</sup> Para mais detalhes acerca dos chamados “war books” e da imagem dos soldados na imprensa e literatura da Era Vitoriana, cf. Steve Attridge – *Nationalism, Imperialism and Identity in Late Victorian Culture – Civil and Military Worlds*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

literária de massa” decorrente da guerra – e Jane Starfield (2001:860) destaca que os “diários de Mafeking” parecem mesmo uma sub-categoria dentro do gênero. O ano de 1900 viu a publicação de títulos como *Mafeking: A Diary of the Siege*, do major F. D. Baillie; *Baden-Powell, the Heroe of Mafeking* de S. W. Patriedge, além dos dois volumes do diário do próprio coronel Baden-Powell, líder das tropas coloniais britânicas. Foram títulos como esses que, ao longo dos anos posteriores, informaram boa parte da produção historiográfica acerca do conflito. Em 1961, títulos como *Mafeking Memories*, de Frederick Saunders, ainda despertavam grande interesse,<sup>6</sup> ajudando a lançar também um novo olhar sobre os eventos – conforme frisa Philip Thurmold Smith, responsável pela edição do texto, o público tinha acesso agora a uma versão da história distinta daquela contada pelos altos oficiais e jornalistas: tratava-se do texto de um soldado comum, disposto a narrar os perigos e privações enfrentados “para além de uma história de matanças sangrentas” (THURMOND SMITH, 1961).

Na trilha do esforço para novos olhares acerca da história sul-africana (e da Guerra Anglo-Bôer em particular), a descoberta de John Comaroff no início da década de 1970 mostrou-se crucial. Realizando trabalho de campo entre os Barolong, o antropólogo recebeu das mãos do neto de Sol Plaatje o diário que fora mantido por seu avô durante a campanha de Mafeking. Ingressante no serviço público da Colônia do Cabo em 1894, Plaatje fora enviado à cidade para servir de intérprete nas mediações entre os Barolong e as tropas britânicas que eram deslocadas para a região.

Os registros no diário de Plaatje começam duas semanas após deflagrado o conflito. Uma possibilidade apontada por John Comaroff e por outros estudiosos é a de que Plaatje percebera que o diário figurava como hábito de muitos de seus companheiros de jornada (WILLAN, 1984:78). Quaisquer que tenham sido as razões do literato para iniciar sua escrita particular, o fato que merecia especial destaque entre pesquisadores da década de setenta era o de terem agora diante de si informações já conhecidas – narradas, contudo, a partir de uma perspectiva bastante diferenciada (COMAROFF, 1976:xxv).

Escrito em inglês, o diário de Plaatje revela grande parte da habilidade linguística que o consagrara no serviço público. Também a liberdade proporcionada

---

<sup>6</sup> O diário de Frederick Saunders foi descoberto na década de 1950, sendo mais tarde editado para publicação por Phillip Thurmond Smith. London: Associated University Presses, 1961.

pela escrita “para si” faz com que diversas passagens sejam permeadas por termos nas diversas línguas dominadas pelo intérprete. Citamos como exemplo uma das primeiras anotações do diário, feita em outubro de 1899 – “(...) The Maxim is everybody’s favourite here. Whenever there is an almost sickening rattle of Mausers you can hear them enquiring amongst themselves when ‘makosono’ is going to ‘kgalema’. (...)”.<sup>7</sup> John Comaroff explica que “makosono” é o equivalente em setswana para “maxim” – a metralhadora automática que tanto fez a felicidade e infelicidade de vários soldados na campanha de Mafeking; “kgalema”, por sua vez, seria traduzido como “resmungo”. O antropólogo nota que as palavras em setswana incorporadas a passagens do diário carregam em geral sentido onomatopaico e reforçam um caráter descritivo (COMAROFF, 1976:141). Assim como o setswana, outras línguas que aparecem com frequência permeando os registros de Plaatje incluem o xhosa, sotho, zulu e o *afrikaans*.

O fato de o diário de Plaatje ter permanecido por tantos anos desconhecido pode frisar, segundo John Comaroff, a idéia de que o literato sul-africano não pretendia, diferentemente de muitos de seus companheiros do campo de batalha, publicar seus escritos pessoais. O antropólogo também levanta a hipótese de que Plaatje teria considerado o texto de seu diário como de menor importância, preferindo investir esforços, nos anos que se seguiram ao final do conflito, na manutenção do jornal *Koranta ea Bechuana* (COMAROFF, 1976:xviii-xx).

Vale questionar, contudo, até que ponto a idéia de que o literato tenha atribuído grau de maior ou menor importância ao diário não implicaria em perder de vista o significado que o texto teve em seu próprio momento de elaboração. Muitos pesquisadores festejaram, por ocasião da edição e publicação do diário de Sol Plaatje, o acesso àquela que passou a ser chamada de “obra inicial” do literato. Essa interpretação deu margem a leituras que buscavam naqueles escritos de Mafeking algo do escritor, jornalista e político que Plaatje tornou-se nos anos seguintes. Os meses vividos entre outubro de 1899 e maio de 1900 passaram a ser referenciados em muitos estudos como o “momento formativo” do político que se engajaria, anos mais tarde, na luta contra a segregação racial sul-africana. O próprio John Comaroff menciona, em passagens de seu prefácio à publicação, idéias como “Mafeking foi o palco no qual começou a surgir

---

<sup>7</sup> Neste trecho, opto pela apresentação da fonte em seu idioma original para que o leitor tenha acesso direto.

a figura política de Sol Plaatje (...)” (1976:xvii) e expressões como “seu comprometimento com a causa do nacionalismo africano formou-se em Mafeking...” (1976:xvi) também tornam-se recorrentes.

O argumento de que Plaatje teria considerado seu diário como uma obra “menor” entre sua produção, evitando sua circulação em público, não leva em conta também uma série de possibilidades outras – desde aquelas de foro íntimo do escritor e até mesmo uma análise mais cuidadosa da sociedade na qual se deu a sua escrita. Embora tenha sido grande o interesse nas narrativas da Guerra Anglo-Bôer, não sabemos até que ponto seria desejada a disseminação da versão do conflito apresentada por um nativo sul-africano. Quando lembramos das dificuldades que Plaatje encontrou, décadas mais tarde, para publicar seu romance *Mhudi - An Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago*,<sup>8</sup> podemos inferir que, em uma África do Sul em que a segregação racial tornava-se cada vez mais intensa e violenta, eram bastante limitadas as brechas para a publicação do diário de guerra mantido por um nativo naquela foi por muitos anos chamada de “guerra de homens brancos”.

Além disso, devemos lembrar que, se o diário expunha elementos que eram de grande interesse para as ciências humanas da década de setenta, ele fugia do relato-padrão esperado para fortalecer o espírito das tropas coloniais britânicas naquele início do século XX. Esse argumento pode ser reforçado ainda pela publicação também tardia do diário de Frederick Saunders – que, como vimos, à época da batalha de Mafeking, era um soldado raso.

Mas acima de tudo, o que o diário mantido por Sol Plaatje efetivamente faz – em sua narrativa e em sua própria existência – é questionar os protagonismos e as agências do conflito de Mafeking. Em 1903, o coronel Baden-Powell dirigia-se à *Royal Commission on the War in South Africa*, afirmando que os Barolong não haviam desempenhado qualquer papel crucial na defesa da cidade – “(...) Tentamos fazer com que eles [os Barolong] defendessem sua própria cidade, mas ao primeiro ataque todos fugiram – então não podíamos contar com eles de maneira alguma” (apud STARFIELD, 2001:863).<sup>9</sup> À suposta covardia dos Barolong somava-se também a idéia corrente de

---

<sup>8</sup>Obra originalmente publicada em Lovedale: Lovedale Press, em 1930. A publicação de *Mhudi* só foi conseguida após grande negociação com a editora da missão de Lovedale – que ainda assim exigiu que o autor fizesse diversas alterações no texto original.

<sup>9</sup>As citações de Baden-Powell tornam-se facilmente questionáveis a partir da leitura do diário de Sol

que nenhum dos grupos imperialistas em conflito, britânicos e bôeres, arriscar-se-ia a armar os nativos. Além de comprovar o envolvimento militar dos Barolong – apoiando a campanha britânica – o diário de Plaatje revela o cotidiano de vários indivíduos e as relações intra-comunitárias que se estabeleceram naquele isolamento de sete meses. Revela ainda como nos meses de janeiro e fevereiro de 1900 a cidade passou a sofrer com a falta de alimentos – e como as quantidades destinadas aos Barolong e aos demais nativos que se refugiaram em Mafeking foram as primeiras a ser diminuídas; semanas mais tarde, também como medida de economia de alimentos, Baden-Powell ordenou a expulsão dos refugiados para regiões próximas. Percebe-se, desta forma, como a escrita particular de Plaatje aponta para detalhes do cotidiano da guerra que boa parte dos envolvidos gostaria de deixar para trás ou, ao menos, manter distante das manchetes na imprensa.

Como menciona Peter Warwick (1975:125), o diário de Sol Plaatje é muito mais do que uma “fonte bruta” de material para historiadores.<sup>10</sup> O texto expõe, em verdade, as diversas correntes políticas e culturais em que o jovem literato africano estava imerso. E permite também compreender porque uma vertente de estudos acusa Plaatje de ter se tornado, ao longo dos anos, muito “europeizado” para defender os interesses dos nativos sul-africanos. A associação de educação missionária, domínio de línguas como o inglês, alemão, holandês e *afrikaans*, seu envolvimento com o serviço público na Colônia do Cabo e o fato de, na campanha de Mafeking, ser acolhido como parte das tropas britânicas, começou a alimentar a idéia de que a voz do literato não dá a ver o real cotidiano africano da guerra. Como um membro da elite africana atrelado às autoridades britânicas da região, Sol Plaatje não representaria a “voz autêntica” do sul-africano. Devemos questionar, contudo, se essa concepção não acaba por atrelar uma natureza inerente ao nativo, propagando uma idéia de “pureza original” corrompida pelo contato com o europeu. A situação estabelecida em território sul-africano durante o conflito de 1899-1902 é um caso extremo, mas comprova como a configuração das

---

Plaatje, quando deparamo-nos com trechos como os do dia 28 de fevereiro de 1900, por exemplo: “It has been resolved that Barolongs should attack down [at] the trenches by night. We spent much of the day with them there. (...)” cf. *The Boer War Diary of Sol T. Plaatje – an African at Mafeking*, p. 103.

<sup>10</sup> Referência à afirmação feita por John Comaroff em seu prefácio para a edição de 1973 – “(...) ... for the historian, the diary should be considered as a source of ‘raw’ data rather than a definitive text.”, p. xxvi.



sociedades está vinculada à circulação de idéias e experiências, e não à manutenção de indivíduos estáticos.

Para auxiliar nesta questão, podemos nos remeter, por exemplo, aos argumentos de Mary Louise Pratt (1999) acerca das *zonas de contato* e da *transculturação* – uma guerra é, afinal, um encontro desarmônico e assimétrico de forças, interesses e indivíduos. Um relato pessoal desse encontro de violências, estabelecido por um representante de um dos grupos mais subalternos naquele cenário marcado pelas tensões políticas, militares e raciais, deixa entrever também influências mútuas na constituição daquela sociedade – desde os idiomas que se mesclam na urgência da escrita do diário até a própria atividade de tradutor e intérprete exercida por Sol Plaatje revelam um espaço em constituição, onde as trocas e reapropriações entre brancos e nativos e entre ingleses e bôeres vai muito além do imaginado ou desejado por esses grupos.

3.

Ao historiador, a particularidade de um diário – e, em especial, a do diário de guerra – como gênero narrativo apresenta ainda um outro desafio: lidar com a idéia de que, como lembrou Jane Starfield, “todas as guerras, até a de Tróia, chegam ao fim” (STARFIELD, 2001:860). Neste sentido, é fundamental contornar a tentação de buscar “prenúncios” do fim do conflito – e no caso de Sol Plaatje, o diário mantido durante a campanha de duzentos e dezessete dias não deve ser tomado como a narrativa da “libertação de Mafeking”, mas sim como um relato do cotidiano do campo de batalha. Somos confrontados, aqui, com o que Jennifer Sinor (2002:123-124) denomina de o desafio do “dailiness”: “(...) o ato de escrever *nos* dias ao invés de *sobre* os dias”.

O diário também exige daquele que o toma como fonte evitar a sedução do relato em primeira pessoa. Embora seja citado muitas vezes como gênero híbrido entre a autobiografia e a ficção, a especificidade de sua narrativa não pode deixar de ser considerada pelo leitor. Segundo Starfield,

*“(...) As notas em um diário são um reflexo de eventos que aconteceram praticamente no mesmo momento. Certamente há uma lacuna de tempo entre o evento e sua escrita, mas não na medida em ocorreria, por exemplo, entre a ação e seu registro em uma autobiografia. A reflexão, portanto, é limitada, e*

*os leitores são convidados para a ontologia dos eventos geralmente pouco mediados pela interpretação. É este o sentido da experiência cotidiana que o diário, como forma literária, revela. (...)*” (STARFIELD, 2001:860)

Embora reforcem pontos importantes no trabalho com o relato do cotidiano apresentado no texto de um diário, tanto Jane Starfield quanto Jennifer Sinor parecem não ponderar o caráter da própria narrativa – por exemplo, a afirmação de Starfield de que em um diário a reflexão do autor aparece algo limitada dado o curto espaço de tempo entre um evento e seu registro, pode implicar em uma aceitação de uma suposta “pureza” daquilo que é contado. Talvez o diário, como gênero literário, apresente uma maior expressividade pessoal do que os outros gêneros – não podemos, entretanto, encarar uma narrativa desarmados pelo pressuposto de que suas reflexões são “limitadas”.

De qualquer forma, a publicação do diário de Sol Plaatje em 1976 ajudou a superar o que até então permanecia como uma “lacuna imperdoável” (STARFIELD, 2001:853) da historiografia sul-africana: a manutenção do argumento de que a guerra que definiu os rumos políticos da nação naqueles anos entre 1899 e 1902 fora protagonizada somente por “homens brancos”, por britânicos e bôeres.<sup>11</sup> Plaatje revela, num microcosmo de duzentos e dezessete dias, como relacionavam-se e como estavam imbricados os vários grupos humanos que compunham a sociedade sul-africana.

Os impactos políticos e sociais da superação desta lacuna historiográfica são percebidos hoje na atual forma de se contar o passado. Em outubro de 1999, quando lembravam-se os cem anos de início da Guerra Anglo-Bôer, o *New York Times* publicou o artigo “África do Sul amplia o círculo de heróis da Guerra Bôer para honrar os negros”. Destacamos excerto:

---

<sup>11</sup> Vale destacar que as décadas de 1970 e 1980 viram surgir na a historiografia sul-africana uma ampliação de seu olhar para outros sujeitos, detendo-se com mais atenção em personagens que até então recebiam pouca ou nenhuma atenção. Neste sentido, a pesquisa biográfica também ganhou força – e resultados que podem ser mencionados aqui, por exemplo, são a biografia do próprio Sol Plaatje elaborada por Brian Willan: *Sol Plaatje – South African Nationalist, 1876-1932*, bem como o trabalho de Ruth First e Ann Scott acerca da romancista Olive Schreiner, conhecida por seu envolvimento na defesa dos nativos sul-africanos: *Olive Schreiner – A Biography*.

*“(...) pela primeira vez homens, mulheres e crianças negras que morreram na Guerra Bôer são homenageados no momento em que a África do Sul celebra o centenário da guerra e reescreve uma história nacional em que os negros eram, na melhor das hipóteses, notas de rodapé.*

*O Coronel Robert Baden-Powell, que liderou as tropas britânicas em Mafeking – cidade setentrional que foi cercada pelos Bôeres – deu armas aos negros, fazendo com que um comandante Bôer o acusasse de ter cometido um “ato de tremenda perversidade”.*

*Os soldados negros de Mafeking recebiam porções menores de comida do que aquelas dadas aos brancos, quando não forragem usada para alimentar os cavalos, e muitos tiveram de escolher entre morrer de fome ou enfrentar a ameaça Bôer, mas foram eles os principais responsáveis por repelir o ataque Bôer no dia 12 de maio de 1900. É incalculável o número de negros que morreram de fome ou em batalha no conflito que durou sete meses”<sup>12</sup>*

As narrativas presentes no diário de Sol Plaatje e a ampliação que trouxeram na compreensão do passado sul-africano - agora não atrelado às políticas de segregação racial - fazem com que possamos compreender a posição de Jane Starfield quando propõe que os relatos de diários de figuras como o coronel Baden-Powell sejam encarados como “past fiction” (STARFIELD, 2001:856). No entanto, esse rótulo acabaria privando o pesquisador do confronto entre narrativas tão distintas como são as do líder militar das tropas coloniais britânicas e aquelas do jovem funcionário público Sol Plaatje. Estaríamos privados também de belas manhãs após as chuvas de ontem...

---

<sup>12</sup> *The New York Times*, 8 de outubro de 1999.

## Bibliografia

### I) Sol Plaatje

COMAROFF, John L. (ed). *The Boer War Diary of Sol T. Plaatje*. Johannesburg: Macmillan, 1976

*Native Life in South Africa*. Cape Town: Galvin & Sales, 1982 (1916)

*Mhudi – An Epic of South African Native Life a Hundred Years Ago*. Pretoria: Ad. Donker Publisher, 1989. Obra originalmente publicada em Lovedale: Lovedale Press, em 1930

WILLAN, Brian. *Sol Plaatje – South African Nationalist, 1876-1932*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1984

### II) Textos de Apoio

ATTRIDGE, Steve. *Nationalism, Imperialism and Identity in Late Victorian Culture – Civil and Military Worlds*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

CHRISMAN, Laura. *Rereading the Imperial Romance – British Imperialism and South African Resistance in Haggard, Schreiner, and Plaatje*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000

DAVENPORT, T. R. H. *South Africa: a Modern History*. Londres: MacMillan, 1991

DUBOW, Saul. *Scientific Racism in Modern South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FEINBERG, Harvey M. “The 1913 Land Act in South Africa: Politics, Race, and Segregation in the Early 20th Century”. *The International Journal of African Historical Studies*, Vol. 26, n. 1, 1993, pp 65-109

GILIOMEE, Herman. *The Afrikaners – Biography of a People*. Cape Town: Tafelberg Publishers, 2002.

GOMES, Raquel G. A. *Olive Schreiner, literatura e a construção da nação sul-africana, 1880-1902*. Dissertação de mestrado, Unicamp, 2010.

ODENDAAL, André. *Black Politics in South Africa to 1912*. New Jersey: Barnes & Noble Books, 1984

PRATT, Mary Loius. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

SINOR, Jennifer. “Reading the Ordinary Diary”. *Rhetoric Review*, vol. 21, n. 2, 2002

STARFIELD, Jane. “Re-Thinking Sol Plaatje’s Mafeking Diary”. *Journal of Southern African Studies*, vol. 27, n. 4, 2001

THURMOND SMITH, Phillip (ed). *Mafeking Memories - Frederick Saunders*. London: Associated University Presses, 1961.

WARWICK, Peter. Review para *The Boer War Diary of Sol T. Plaatje...* *Journal of Southern African Studies*, vol. 2, n.1, 1975